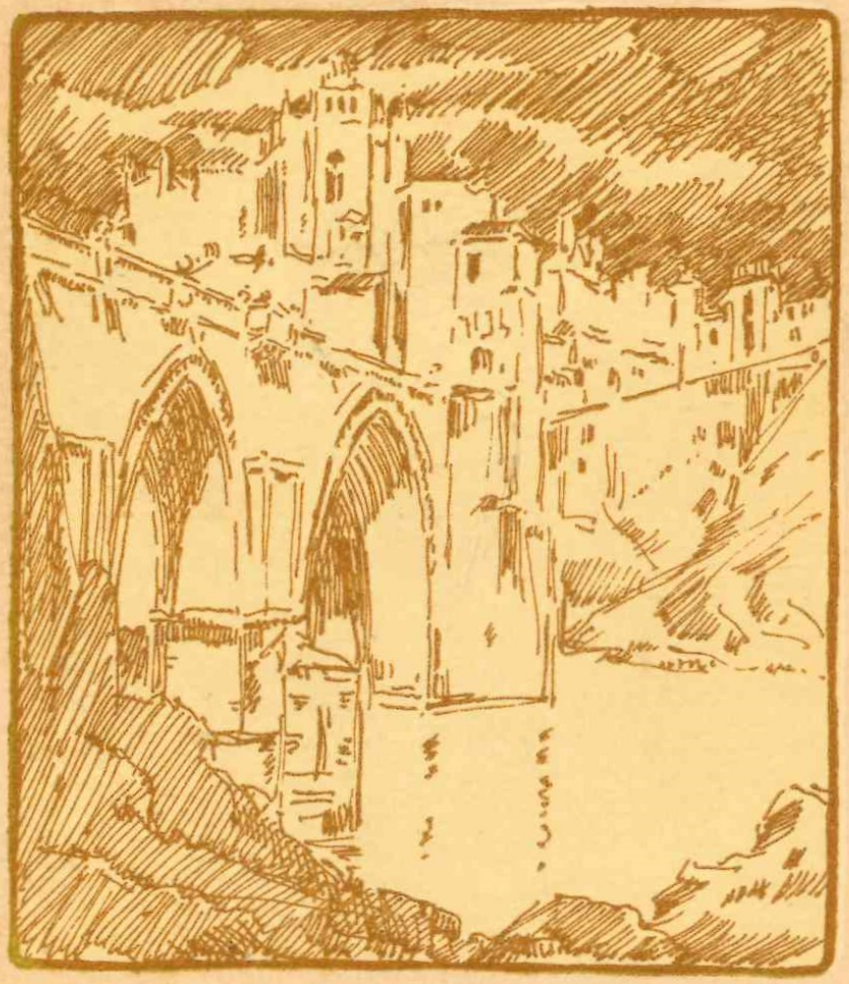
MATIAS LIMA
DO INSTITUTO DE COIMBRA

IMPRESSÕES de ESPANHA



EDIÇÕES ALTURA

BARCELOS
134.3-9Lima,Ma

Capa do Mestre Joaquim Lopes

Ao distinto genealogista e arqueólogo, Snr. Major José Augusto Pereira de Mancelos Gampaio, com as saudações de

Mário Lemos

Entregue à "Biblioteca Municipal de Barcelos" com autorização do Autor.

Barcelos 27 de Setembro de 1947

Major Mancelos Gampaio

IMPRESSÕES DE ESPANHA

DO AUTOR

VERSO:

Canções, 1904 (esgotado)
Flores do Monte, 1906 (esgotado)
Sol do Coração, 1914 (esgotado)
Pela Pátria, 1916 (esgotado)
Vergel Florido, 1917
Medalhões Nacionais, 1918 (esgotado)
Luar de Sonho, 1922
Raça Heróica, 1923 (esgotado)
Alma Dispersa, 1926
Dor Eterna, 1932 (fora do mercado)
Gerez, 1939
Penumbra, 1942

PROSA:

A Vida e o Amor, 1921
Super-Libros Portuguezes Ineditos, 1927
A Encadernação em Portugal, 1933 (esgotado)
Impressões de Espanha, 1947

MATIAS LIMA
Do Instituto de Coimbra

C.M.B. Biblioteca

IMPRESSÕES DE ESPANHA

EDIÇÕES ALTURA

F.S.2-5-54
C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
Nº 6380
Perm.: Baralha

ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA, LIMITADA / PORTO / 1947

Preâmbulo

VIAJAR, viajar! Correr terras, rolar por esse mundo desconhecido onde refulgem novos céus e novas paisagens!

Viajar! Gozar-se a emoção do imprevisto, admirar velhas cidades, travar conhecimento com os seus museus, saudar os seus monumentos, falar com as suas ruas e praças, ao sol das manhãs ou à boquinha das noites...

Viajar! Encher os pulmões de ar, os olhos de luz e a alma de infinito!

A Espanha estava há muito incluída no meu programa. Mas ela era como o santo da porta, o qual, por estar a dois passos, a qualquer hora se poderia fazer romaria. E assim, peregrinei por mais longe. Primeiro visitei a França. Que de imagens fixadas para sempre! Paris — oh, o eterno Paris! — com

"Nôtre Dame„ e o "Louvre„, os Campos Elísios e o Bairro Latino onde poetou António Nobre; Versailles, com os jardins de Le Nôtre e as recordações de Maintenon e Pompadour; Carcassone, com a cinta forte das suas muralhas; Lourdes, com os seus cânticos de fé, sinos alegres; Pau, com o castelo de Henrique IV e a vista para os Pirenéus que Lamartine considerava como a oitava maravilha do mundo; Biarritz, com a concha da sua praia; Nice, com o tabuleiro dos seus cravos...

Passei à Bélgica, e ainda tenho nos olhos a sedução de Bruxelas, a encantar-me e a prender-me todo com o seu "Hotel de Ville„, a sua "Grand Place„ e a velha "Porte de Hal„.

Depois, corri a Itália. Roma, a cidade eterna, (não há uma pedra que ali não fale!) onde os olhos, enlevados, se fixam na cúpula de "São Pedro„ e nos

"frescos„ de Miguel Ângelo; Tívoli, com as suas belas cascatas, rivais das de Terni, na doce Umbria; Nápoles, com os seus mandolins, a sua baía azul e o penacho negro do Vesúvio; Pompeia, com as suas ruinas merencórias; Veneza, com as suas gôndolas, o palácio dos doges e o de Vendramin-Calergi, onde morreu Ricardo Wagner; Pisa, com a sua torre a reclinar-se para a terra, como fatigada de se ter erguido tanto para o céu; Génova, com os seus mármores divinos; Florença, com os seus museus e a visão eterna de Dante; Milão, com as rendas da sua catedral; Belágio, com o Lago do Como, onde tanto vivi e tanto sonhei . . .

Andei por mais longe, sim! Mas a hora de ver a Espanha chegou. E eu para lá segui, alvoroçado, pois de Espanha pouco mais conhecia do que as boas terras

da Galiza, regadinhas de água e sol; terras amigas e parentas do nosso Minho; terras amorosas, onde ressoam e ressoarão eternamente os rouxinóis maviosos de Curros Enriquez e Rosalía ...

As páginas que vão ler-se, são, na sua maioria, páginas de há uma boa dúzia de anos. Foram, porém, reavivadas, tratadas com certos cuidados, como se faz ao velho néctar ... Eu bem sei que algumas perderam o frescor da actualidade. Conservam, no entanto, um perfume que me é gruto — o do passado. Razão sentimental, mais que bastante, para as arrancar da gaveta onde dormiram, quase esquecidas, mais do que os nove anos preceituados pelo velho Horácio ...

Livro simples, de relato breve? Sem dúvida; mas livro onde há côr sincera e talvez alguma coisa de

novo do muito que sôbre a Espanha se tem escrito em língua estrangeira e na doce e amada língua portuguesa. E digo algo de novo porque todos os escritores têm a sua maneira própria de ver, sentir e comentar, raro sendo aquele que não possa dizer, mais ou menos, como Musset: — "je bois dans mon verre!„.

A Espanha que eu vi foi esta, a que está neste livro, que, embora corredio e leve, talvez possua um pouco daquele sol vibrante e puro que beija, ilumina e aquece, as formosas terras de Espanha!

RECORDAÇÕES DE VIGO

RECORDAÇÕES DE VIGO

Foi há distantes anos que eu passei uma breve temporada em Vigo.

Lembro-me ainda muito bem da majestosa baía e das formosas ilhas *Cies* que inspiraram a meu parente, o artista Alberto Guimarães (Visconde de Oliveira do Paço), então residente na velha *Vicus* dos romanos, um quadro a óleo, surpreendente.

Lembro-me da "Calle del Principe„, da "Puerta del Sol; e, sobretudo, da "Alameda„, onde, num festival nocturno, apreciei a banda do regimento de Múrcia.

Lembro-me dos passeios que dei a Cangas, povoada de pescadores, a Moaña e a Pontevedra — a típica Pontevedra com as suas ruas enfeitadas de arcos; as suas casas de boa silharia, com brasões

nos cunhais, e aquele luar alvíssimo de que nos disse maravilhas Júlio Dantas (1).

Eu tinha-me hospedado no Hotel Continental, celebrado pelos seus almoços suculentos (oh, os *hors-d'oeuvre* deliciosos!) e jantares opíparos, servidos, a primor, pelo velho Pedro.

Esse hotel caprichava em ricas iguarias e excelentes vinhos, e, segundo o que ouvi a pessoas lá alojadas, nas festas rijas do ano brindava os seus comensais com pantagruélicos banquetes, servindo-lhes, em pratos aparatosos, peitos de faisão e pernas de veado.

Não admirava. O seu administrador, o capitão Don Julian Mogin — simpático amigo dos portugueses — era um intrépido e famoso caçador. Ele só abastecia o hotel em dias de grande comezaina! Exímio na caça de penas, a sua verdadeira paixão, porém, era a caça grossa, a montaria ao javardo, ao lôbo e até ao urso, que, por vezes, horrendo e sinistro, surgia pelos altos e nevados píncaros das serras de Leão.

Era certeira a carabina do capitão Mogin! As feras deveriam temê-la! Certa vez — contava-se esta façanha — o bravo caçador, no pico de Peñarrubia,

---

(1) *Viagens em Espanha*, pág. 137.

fez frente a uma alcateia de oito lobos, derrubando quatro dos mais corpulentos e obrigando os outros a bater em retirada. Bem por certo, os que escaparam, recordariam por muito tempo a magnífica *Winchester* do capitão Mogin!

Vigo recorda-me dois episódios, que, apesar do seu fundo banal, não deixam de ter um certo pitoresco.

Na baía tinha fundeado o grande transatlântico *Holandia* e eu dispuz-me a visitá-lo. Se me lembro! Um sol esplendoroso descia do céu e vinha, engalanado de oiro, beijar a terra, boa e fiel namorada de sempre... A brisa, irritada, picava as águas, provocando-lhes reacções bruscas. Tomei um pequenino barco, que, sobre a vaga agitada, lembrava um ginete às upas, e, à fôrça de remos, acostei ao paquete. Era digno de ser visto! Encontrava-me num beliche de primeira quando soou a sineta de bordo para a retirada dos visitantes. Tratei de sair, mas dei com a porta fechada. Bati com fôrça. Ninguém me ouviu. Onde iria eu parar? Ao Brasil, à China, à Taprobana? Sabia lá! Bati, tornei a bater... Enfim! Lá fui liberto por um jovem marujo, apressando-me a deixar esse belo paquete em que seria delicioso viajar como passageiro, mas não seguir como prêso, sem

roupas e sem dinheiro, numa verdadeira penúria franciscana...

Eis o outro episódio. Eu tinha sido apresentado no salão do hotel à encantadora Paquita. Mal ela ouviu o meu nome desatou a rir, a rir de tal modo que até os olhos se lhe cerravam e os peitos lhe tremiam... Eu fitava-a espantado, sem saber a causa de semelhante explosão de riso que me queimava como pólvora. Ao fim duns segundos que me pareceram horas, volveu-me, maliciosa: — "*Pues usted no lo sabe? Su nombre es para nosotros lo mismo que tonto!* „ —

Ri-me também, dizendo-lhe que o nome não tinha influência na pessoa. Influência, bem decisiva, tinham os seus belos, negros olhos, que tornavam verdadeiramente *Matias* todos aqueles que, como eu, os viam e admiravam!

Sorriu, lisonjeada, e pegando num taco propôs-me uma partida de bilhar. Achei óptimo: Depois dum galanteio, algumas carambolas!

Recordo-me bem! Deixei Vigo numa bela manhã de verão. A "vitória„ que me conduziu a Tuy — a nobilíssima Tuy que, segundo os antigos, entronca a sua linhagem no filho de Tydeu — rodava, estrada fora, ao trote rasgado da fogosa parelha. Passei em

Redondela, e mal apreciei — que deslumbramento!— a ria doirada. É que os meus olhos nostálgicos (sou um sentimental eterno!), fugiam, teimosamente, para Vigo, a linda jóia da Galiza — essa doce e purinha Galiza que, no dizer de Pedro Alarcón, é, e será sempre, "*la mansión de los bardos y de los pastores...*"

SALAMANCA

S A L A M A N C A

I

Naquela serena tarde de Novembro (corria o ano da graça de 1929) cheguei a Salamanca, "a cidade côr de rosa„, como lhe chamou René Basin.

Eu já conhecia de passagem esta cidade, quando, sete anos antes, me dirigia a Paris. Vi-a, então, de relance, sem sair da estação, mas senti bem o seu sorriso — sorriso que me chocou! Salamanca ficou sendo para mim, desde essa hora, como aquela mulher desconhecida — quem não encontrou na vida uma dessas mulheres? — que um dia, ao passar por nós, sorriu, voltou-se, e desapareceu... Ainda bem que ia vê-la de novo e pagar-lhe com um beijo demorado o sorriso do primeiro encontro.

Os breves dias — breves e felizes! — que estive em Salamanca foram bem aproveitados. Com o inseparável *Guide Bleu* nas mãos, corri por essas *calles* e *callejuelas* de piso torturante. Certas ruas de Salamanca falam... Algumas, — tão sugestivas são! — transportam-nos ao passado. E nós julgamos ouvir, ao luar romântico, sob o balcão das Dulcineias, o suspirar dos violões e o retinir das espadas...

Em cada rua ou praça, o esmalte dum brasão, a jóia dum monumento. Salamanca é uma cidade que tem muito de museu. São inumeráveis as suas obras de arte. Citarei, de fugida, a Casa das Conchas e a da Salina, o Palácio de Monterrey, a Torre de Clavero, a Universidade, com a fama das suas glórias (evoco a lira e o burel de Frei Luís de Leão!) e o friso alegre dos seus estudantes...

O coração de Salamanca está na sua Praça Maior. É ali que ele pulsa; é ali que ele se ouve... Mas é necessário ser-se poeta para ouvi-lo bem. É que, no deslumbramento do presente, ingratamente se esquece o passado — esse passado que não morre, antes continua sempre, a seduzir-nos e a arrebatar-nos com a voz eloquente dos seus poemas e monumentos! A Praça Maior é um desses poemas imortais — um poema setecentista, gravado em versos de

granito... A Praça Maior! Como disse Júlio Brandão, sente-se ali, "na magia de certas horas, alguma coisa que o passado não só gravou na pedra, desde as sombras medievas à Renascença *plateresca*, mas que deixou do mesmo passo nas almas — como se o grande cantor de *La Noche serena* ainda se ouvisse, a alguns séculos de distância..." (1)

A Praça Maior! Vi-a na própria noite em que cheguei e pareceu-me uma visão de sonho. Ao luar pálido — pálido e frio... — as arcarias revestiam-se dum vago, indefinido encanto. Pareciam rendas suspensas... E os medalhões históricos, cravados nos tímpanos, lembravam, em pedra gasta, certos camafeus romanos...

Vi-a depois, ao sol da tarde, alegre e movimentada, com os seus estabelecimentos elegantes e "bars" atraentes. Entrei num destes, onde subia, em espirais azuis, o fumo lento dos havanos. A uma das mesas do canto, em *charla* animada, um jovem novilheiro. Observei o grupo que o rodeava. Era luzido: *Mazzantinis* claros, jalecas escuras...

---

(1) *Galeria das Sombras*, pág. 121.

Saí. Um sol magnífico (Novembro tem destas tardes radiosas!) lançava pela praça as suas passadeiras de velho oiro... Passavam belas salamanquinas de sevilhana negra, como os seus olhos... Uma ou outra, loira. E, diga-se, bonitas também, apesar do tipo moreno ser para mim (que as loiras me perdoem!) o mais sugestivo, o mais simpático, numa palavra — o mais espanhol!

Uma cidade deve ser vista de três modos: de manhã, quando desperta; de tarde, quando se movimenta e à noite, quando se recolhe. Por certo que eu não tinha a pretensão de conhecer Salamanca (o tempo era pouco) nos seus múltiplos aspectos. Mas não queria deixá-la sem a conhecer na sua graça popular. E assim, certa manhã (a última de que dispunha), lancei-me à procura dos seus tipos mais pitorescos. Fàcilmente os encontrei por essas ruelas fora: os *panaderos* engarupados nos garranos, atrás dos cestos do pão; os *aceiteros* de jaqueta de veludo negro, com os seus machos de pêlo rapado e testeiras enfeitadas; as *lecheras* com os seus gericos, listrados como zebras... E era vê-las (deliciosa aguarela!) despejando pelo burgo o leite das vasilhas e o sorriso dos olhos...

C.M.B. Biblioteca

Ao partir para Madrid, envolvi num longo olhar a cidade onde Hernan Cortés cursou leis e o nosso Amato Lusitano medicina, cidade encantadora que inspirou romances a Le Sage e a Espronceda e arrancou uma ode a Salvador Rueda.

Salamanca, a bela! Cidade onde os artistas e os poetas que por lá passaram, deixaram, como eu, os olhos e o coração...

O comboio rodou, pesadamente. Fixei a antiga *Salmantica* pelo derradeira vez. Numa renda de sonho, ela lá ficava para trás, a sorrir-me do alto das suas colinas, à margem direita do "Tormes„ — esse encantado rio que nasceu para a beijar...

II

Voltei a Salamanca em Dezembro de 1938 — dia da Imaculada! — acompanhando o comboio-automóvel que levava medicamentos, víveres e agasalhos, para os feridos nacionalistas. Jornada memorável! Dias antes de partir, dizia-me um ilustre escritor, com ênfase: — "Lembre-se, meu poeta, que Byron tombou na Grécia!„

Sorri de tal aviso, embora feito em bonita frase literária... De resto, eu não era — sombra apagada! — o grande autor do *Child Harold*, celebrado cantor de Sintra. Jornada temerária? Talvez! Muitos a agoiraram. Não era de estranhar! Em todas as largadas se fez ouvir sempre a voz dos velhos de Restelo...

E lá fui nessa cruzada de Bem-Fazer, estradas fora, por montes e vales — os nossos verdes, amoro-

sos vales! —, do Porto a Viseu, de Viseu à Guarda e daí a Vilar-Formoso, mergulhado nos cânticos da sua poética ribeira...

Portugal—tão pequenino!—findava, com um arzinho de mágoa ... Entrava-se um Fuentes de Oñoro por entre alas de povo, que nos vitoriava, e cordões de *carabineros* que iam assumir a defesa do comboio.

Após breve paragem, os caminhões rodaram, pesados e lentos, num rastejar de monstros. Verdadeiramente fantástico aquele desfile de centenas de carros, cujos faróis potentes abriam rasgões violentos nas trevas e lançavam chamas ardentes na estrada! Era noite alta quando chegámos a Ciudad Rodrigo. Percalços de maior, não houve. Apenas se ouviu, a distância, o ruído dum avião suspeito que fez lançar para debaixo das camionetas alguns timoratos, que, positivamente, não nasceram para épicas aventuras...

No dia seguinte retomava-se a marcha, rumo a Salamanca, ao reboar das ovações do povo de Ciudad Rodrigo, e da sua *élite*, que tão fidalgamente nos alojou.

A histórica cidade, com o seu velho, denegrido castelo, ia-se ocultando de nós, como se um pano de teatro, descesse, lento e lento, sôbre ela... Seguiam-se agora novas terras e novas paisagens num variado

filme, rico, por vezes, de colorido. De povoação em povoação, grupos de camponeses aclamavam-nos, agitando os *sombreros*. Por vezes, mãos bonitas de mulher atiravam-nos ramos... E assim fomos andando por essas boas, carinhosas terras, onde o nome de Portugal era saudado por milhares de vozes — milhares de corações... De repente, num quadro arrebatador, emoldurado de sol, Salamanca, a douta, com as suas torres altas a quererem beijar o céu...

A nossa entrada na Praça Maior, à luz gloriosa dum sol esplendoroso, teve clarões de apoteose! Salamanca esqueceu os seus lutos — as horas trágicas da luta fraticida — para nos receber triunfantemente, como se fôssemos as hostes libertadoras de Afonso VI que a arrancaram — divina flor! — às mãos sacrílegas dos mouros. Quão diferente, porém, era a nossa indumentária!

Em vez dos elmos refulgentes e das couraças ressoantes, a boina e o fato "macaco„ — uniforme obrigatório de todos. E apenas, como atributo guerreiro, num ou noutro cinturão, uma pistola virgem de todo o fogo...

Salamanca recebeu-nos com delírio!

Das janelas e varandas, adornadas de ricas colchas (maré viva de côres!), formosas senhoras de

mantilha branca sôbre os cabelos e camélias vermelhas ao peito, agitavam lenços... Do estribo do meu *Plymouth*, arvorado em carro da tesouraria, eu saudava-os com o ardor dum poeta lírico! Repentinamente, sinto-me levantado ao ar, estreitado aos peitos... Quando consegui libertar-me da multidão e entrar no automóvel, estava exausto.

O abraço de Salamanca! Ainda hoje o recordo. Foi um abraço que jamais esqueci!

Encontrei Salamanca muito diferente da que eu conheci. Já não era aquela cidade íntima, muito espanhola, com o grave, digno ar, da sua tradição universitária. Era uma cidade estranha, transformada num acampamento bélico, onde os turbantes e os albornozes brancos dos marroquinos contrastavam com o uniforme esverdeado dos alemães, rapazes de 18 a 20 anos, rosados e loiros, que, todas as noites, em grandes carros motorizados, partiam para o *front*, cantando.

Aquelas sossegadas ruas por onde baloiçaram velhos caleches, mostravam-se agora agitadas. Num rodar constante, automóveis com oficiais do *Tercio*, motocicletas e *side-cars* com falangistas e *réquetés*, ambulâncias com feridos... Um cenário de guerra em toda a sua vastidão dramática!

Eu bem sei que Salamanca dissimulava, o melhor que podia, as suas preocupações. Talvez para não entristecer o poeta, que, seduzido pelos seus encantos, dela ficou cativo desde que a viu... E cativo continuava. È que Salamanca era para ele a mesma, mais ainda, pois sempre nas horas tristes um puro amor soube ser amor...

A cidade querida! Que Deus a livrasse de todos os males a fim de poder cumprir o seu destino: espalhar pelo mundo, em torrentes abundantes, a luz divina e a beleza eterna!

Isto, e tudo o mais que eu sentia, tentei dizer ao povo salamanquino, quando, na noite da nossa chegada realizou uma imponente manifestação em frente ao Grande Hotel. Mas, pouco depois de iniciar o meu improviso, a voz, cansada já de tanto vibrar, faltou-me. Em vão (que situação precária!) lutei para a recuperar. Em vão! Valeu-me em tal momento, uma esbelta falangista que se encontrava a meu lado. Estou a ouvi-la: — "*El señor portugués no puede hablar más. Está ronco, muy ronco!* „ —

Na praça, apagada de luzes, o povo debandava, erguendo à luz das estrêlas — as belas lâmpadas do céu —, este nome sacrossanto que é uma oração e uma epopeia — o nome de Portugal!

Três dias depois deixava a cidade maravilhosa. Antes, porém, de o fazer, Salamanca preparou-me uma surpresa inolvidável: a de se apresentar aos meus olhos (caía neve...) toda vestida de branco. Nunca vi noiva mais linda! Olhei-a, disse-lhe adeus, e parti!

UMA SEMANA EM MADRID

UMA SEMANA EM MADRID

Quando nessa noite longínqua desci do comboio, Madrid resplandecia sob um chuveiro de estrêlas. Tomei o auto-carro do Hotel de Inglaterra e deixei-me cair em cheio nas almofadas, fatigado da viagem. É que a travessia por toda essa Castela-a-Velha, tinha-me arrasado. O comboio era duma lentidão enervante. Para o enfadonho da viagem contribuía a paisagem, êrma, desolada, sem os felizes mimos da verdura... Bem sei que o cenário mudou, a partir não sei de que estação. A locomotiva era outra. Tinha um fôlego valente e umas rodas fantásticas! Outra também a paisagem, com mais vida e mais doçura. Até os povoados, aconchegadinhos às suas igrejas, sucediam-se, aproximavam-se, não andavam tão esquecidos uns dos outros... Mas a mudança já pouco me beneficiou! Enfim, estava em

Madrid, embora com o mísero corpo a pedir regalos de boa cama...

Após uma noite excelentemente dormida, (o leito era principesco!) abri de par em par as janelas do quarto. E logo o sol — um lindo sol de fim de Verão — entrou presto, sem cerimónia. Compreendi; era o sol amável de Madrid a dar-me as boas vindas... Agradeci e saí com ele por essas ruas fora.

Madrid, berço natal de Tirso de Molina, Lope de Vega e Calderón de la Barca, é uma cidade adorável, "uma cidade bem vestida„, na frase, tão ajustada, de Coelho de Carvalho ([1]). Custa a crer que o nosso Junqueiro — segundo conta Unamuno ([2]) — não gostasse dela e a alfinetasse com as suas ironias. Viu-a talvez em horas mal humoradas o sublime cantor de *Os Simples*. Madrid não tem, evidentemente, o esplendor das grandes capitais, mas possui as suas belezas próprias. É uma cidade que seduz! Ricardo Jorge, na sua prosa lapidar, retratou-a deste modo: — "cidade de bizarria, alegria e garbo, nenhuma outra conheço mais feiticeira — nenhuma de maior aprazimento e

---

([1]) *Viagens*, pág. 29.

([2]) *Paisages del Alma*, págs. 147 e 148.

encanto. Terra de signo tão feliz, diz o prolóquio, que o céu tem uma ventana de onde os anjos e as almas a contemplam. (1)„ —

Madrid! Uma capital pequenina como Lisboa, Bruxelas e tantas outras, mas com uma fisionomia muito sua — fidalga, católica, e, como tal, (reporto-me ao tempo em que a vi) muito temente a Deus e desconfiada dos republicanos... Pareceram-me exagerados esses temores. A avaliar pelo que me tinha dito certo motorista na tarde dum belo passeio, os republicanos espanhóis eram umas excelentes pessoas, uns verdadeiros anjos! A República — segredava-me ao ouvido — far-se-ia em santa paz, e o presidente seria Afonso XIII... Como esta revelação me provocasse uma gargalhada sonora, retorquiu-me, um tanto agastado:

— *"Por la Virgen Santísima! No se ria usted! Esto no es una tonteria! Es una pura verdad!*„ —

O admirável *chauffeur*! Um profeta da laia do nosso Bandarra, sapateiro em Trancoso...

Madrid tem bons teatros, mas não frequentei nenhum. O melhor estava fechado e os outros não me interessavam. Se eu visse anunciada nos cartazes

(1) *Passadas de Erradio*, pág. 59.

qualquer peça de José Echegaray, Linares Rivas, Villaespesa, Benavente, irmãos Quintero, ou ainda uma alegre zarzuela como *La Verbena de La Paloma*, de Bretón — velhinha mas sempre querida e bem recebida em todos os palcos —, teria corrido a marcar bilhete.

Não fui também aos toiros. A temporada tinha acabado com a última corrida de Outubro em que foram "espadas„ Bienvenida e Marcial Lalanda, este considerado em Espanha como sucessor de Bombita. Os "Miuras„ e os "Veraguas„ pastavam em sossegados campos; as pilecas dos picadores, tripas recolhidas, engordavam à manjedoira: e os "diestros„, pendurados nos cabides os seus *trajes de luces*, beberricavam cerveja e fumavam charutos à mesa dos cafés.

Um azar, não haver toiros! É que as corridas de Madrid gozaram sempre de boa fama. Teófilo Gautier, no seu livro *Voyages en Espagne*, descreve, com vivo colorido, uma dessas toiradas na qual foram formidáveis o picador *Sevilla* e o "espada„ Juan Pastor, *el Barbero*.

Também Victor Fournel fez a narração doutra corrida em que pontificava Lagartijo, o qual, por ter deixado cair a "muleta„, foi assobiado pelos partidários de Frascuelo. Mas desforrou-se bem o grande "matador„, pois vibrou tal estocada no cornúpeto

que a praça se ergueu em pêso, num delírio tremendo! Os toiros eram tão bravos que só um deles desventrou seis cavalos! (1).

Quão diferentes são as nossas corridas! Um cavalo em cortesias, levantando as mãos à altura dos peitos; dois ou três pares de bandarilhas, quase inofensivas; uma rija pega de cara... A casaca bordada e a bota à Marialva dos cavaleiros; o barrete verde dos moços de forcado; o colete encarnado dos campinos... E se há uma mulher apaixonada — tal como em Espanha —, uma rosa vermelha que voa para a arena depois de ser beijada...

Como disse, nem teatros, nem toiros. Em compensação, assisti a um espectáculo inédito, brilhante, da mais pura teatralidade: o render da guarda no Palácio Real. Espectáculo inolvidável! Revejo, como se fôsse hoje, a entrada das forças na esplanada, a passo lento, solene; as voltas rápidas; a saudação ao Rei e à Bandeira... Relembro o uniforme de gala dos *Husares de la Princesa*, peles negras nas golas e nos canhões, alamares de oiro, cavalos brancos; os capotes, à Napoleão, dos artilheiros; as barretinas emplumadas de vermelho da infantaria; os bicór-

(1) *Au Pays du Soleil*, págs. 62 e 63.

nios negros dos alabardeiros... Um quadro, um grande quadro militar, que seria pintado por Velásquez, à maneira do das *Lanças*, se no seu tempo o grande mestre o tivesse visto!

Madrid — um encanto! A sua "Puerta del Sol„, é uma praça alegre e ruídosa onde o movimento de peões e veículos é tão grande que exige polícia montada a soprar nos apitos, para que, em dado momento, tudo pare ou tudo ande...

A "Calle de Alcalá„ — em contraste com a de "Toledo„, que, em passinhos graciosos atravessa o velho Madrid — impõe-se pelo seu ar moderno e pela riqueza dos seus edifícios. É uma rua muito elegante, onde é delicioso (sobretudo para um português) ver passar, pelo fim das tardes, as esbeltas madrilenas.

A "Gran Via„ é um sorriso; o "Prado„, um cântico; e o "Retiro„, com as suas alamedas perfumadas, as suas árvores acolhedoras, o seu lago refulgente — como se fôsse feito de esmeraldas e safiras! — é um sonho, um grande sonho! Pede uma caminhada a pé, um "táxi„ prático e rápido, ou, segundo os gostos, carruagem descoberta com cocheiro encartolado e parelha de luxo...

Escreveu Luciano Cordeiro (1) que a "*Puerta del Sol*, o *Prado*, e o *Buen Retiro* são as tres grandes bellesas de Madrid depois do Museu que vale mais do que todas tres reunidas.„ — De facto, o Museu do Prado com os quadros de Velásquez e Murillo, Rubens e Ticiano, e tantos outros, não só nacionais como estrangeiros, é a mais valiosa jóia de Madrid. Falarei dele noutro lugar, se não com o brilho crítico que me falta, com a emoção, ao menos, que ele desperta.

Outro museu digno de menção é o da *Armeria*. Que soberba colecção de peças militares! Citarei as espadas do rei godo Boabdil, de Pelágio, do Cid, de D. João de Áustria e Fernão Cortez; os elmos e broquéis de Filipe, o Belo; o escudo de Ali Pachá; a armadura de parada de Filipe III e as de justa e guerra de Carlos V, e, finalmente, uma outra que eu contemplei com profunda emoção — a armadura em negro e oiro (atribuída a Peffenhauser, de Augsburgo) de D. Sebastião, aquele moço rei que deixou sepulto nos areais de Alcácer-Quibir o seu malogrado sonho de glória e de aventura...

Madrid encantou-me! Gostei de ver o pórtico dos seus templos, a pedra-de-armas dos seus palácios, os

---

(1) *Viagens* (Hespanha e França), pág. 27.

chafarizes dos seus jardins, os monumentos das suas praças... E que de monumentos tem Madrid! Além dos erigidos aos reis católicos e rainhas, registei no meu canhenho, entre muitos outros, monumentos a tribunos, como Sagasta, Castelar e Cánovas del Castillo; a descobridores, como Cristóvão Colombo e Cortez; a pintores, como Velásquez e Goya, Murillo e Rosales; a militares, como Espartero e Martinez del Campo; a músicos, como Chapi; a escritores, como Cervantes e Quevedo, Pérez Galdós e Condessa de Pardo Bazan; a escultores, como Júlio António; a poetas, como Calderón e Campoamor... A Espanha, dum modo notável, mostra ser grata aos seus filhos ilustres. Em Portugal — medite-se bem! — não abundam dessas glorificações. Muitos dos nossos grandes homens esperam ainda a consagração merecida, e, entre eles, o insigne Garrett que não tem — ao menos no Porto, sua terra natal — um monumento condigno da sua altíssima estirpe literária.

Demorei uma semana em Madrid — uma semana que voou ligeira, como se tivesse nascido com asas... Novembro tinha entrado. Já um ventinho agreste, cortante, soprado do Guadarrama, me arrepiava a pele e me obrigava a cachecol e sobretudo. Era necessário agasalho, ter em conta o velho adágio: —

"*El aire en Madrid es tan sútil que mata un hombre y no apaga un candil*„.

Decidi partir. E dizendo adeus ao belo sol de Madrid — bom e amável companheiro de todos os dias —, dirigi-me à gare de Atocha e embarquei no directo para Barcelona, recordando, melancólico, a frase, tão cheia de verdade, de Haraucourt: — "*partir c'est mourir un peu . . .*„

DUAS TARDES NO MUSEU DO PRADO

DUAS TARDES NO MUSEU DO PRADO

Consagrei duas tardes ao "Prado„, duas tardes belas, radiosas de luz, o que me favoreceu a visita, pois sempre a Luz foi a melhor guiadora...

Entrei no "Prado„ com aquela emoção com que entrei — há quantos anos já! — no "Louvre„. Recordo-me bem! O coração batia-me alvoroçado, como se fôsse uma asa, ansiosa de horizonte... Ia ver — ditosa hora! — aqueles famosos quadros que eu apenas conhecia através das reproduções, que, por mais felizes que sejam, não passam de pálidas sombras. É que só a própria tela nos pode revelar as mãos do Artista — as mãos e a alma... — que por elas esvoaçaram!

Mal entrei no "Prado„ procurei os quadros de Velásquez, pois levava nos ouvidos as palavras de

Aureliano Beruete: — "*quién no ha visitado el Prado desconoce Velásquez*„. Profundamente certo. Eu conhecia imperfeitamente — devo confessá-lo — este extraordinário pintor. Dele só tinha visto alguns retratos no "Louvre„, entre os quais o de Filipe IV e o da infanta Margarida, *la pâle infante aux yeux bleus*, na expressão concisa de Leão Bonnat. Não me deram, porém, — jóias isoladas! — a noção exacta do valor pictórico do insigne mestre espanhol, que, segundo Reinack, sob o ponto de vista técnico é o maior pintor que o mundo conhece. Só agora, ao vê-lo na sua formidável obra de conjunto, o pude avaliar em toda a grandeza excepcional. Muitos dos seus quadros ficaram-me gravados nos olhos. Apontarei alguns: os *Borrachos*, cujas figuras, avermelhadas pelo alcool, — repare-se no homem da malga — são fortes de expressão; as *Fiandeiras*, onde a mulher que doba é dum relêvo perfeito e a luz que desce sôbre o quadro dum encanto supremo; a *Rendição de Breda*, em cuja tela de vigorosa, arrojada técnica, o pintor se retratou entre os cavaleiros espanhóis, como igualmente o fez (é vê-lo, trajado de veludo negro, sobraçando a paleta e os mágicos pincéis) no quadro das *Meninas*, um quadro notável que Giordano considerava como "a teologia da pintura„.

No género religioso, mencionarei a *Coroação da Virgem*, duma beleza máxima; *Cristo*, um dos mais

doces e poéticos Cristos na Cruz que eu conheço, apreciado por Luciano Cordeiro nestas bélas palavras: — "a cabeça pendente e sombreada pelos cabellos que caem sobre o rosto, é uma maravilha de expressão. Ha alli o quer que seja de profundamente justo, de profundamente bom, de profundamente forte...„ (1).

Como paisagista, Velásquez seduziu-me com a *Vista de Saragoça*, em que a velha cidade aragonesa refulge na graça do seu rio e no pitoresco do seu casario acastelado; com os jardins românticos de *Vila Médicis*, melancolizados de ciprestes, e com o fundo de muitos dos seus quadros, iluminados pela luz terna dos céus...

Nos retratos, em que Velásquez foi inimitável (o seu pincel tinha olhos fundos...), destacarei o da infanta Dona Margarida de Áustria, superior ao do "Louvre„ na opulência das côres, jôgo dos tons; o de Filipe IV (2), em trajo de caça, arma na mão e cão ao lado; o do infante Dom Baltasar Carlos, um retrato que subjuga, não tanto pelo lado decorativo

---

(1) *Viagens* (Hespanha e França), pág. 79.

(2) Velásquez pintou vários retratos deste rei. Além dos que possuiu o «Prado» e o «Louvre», mencionarei os que existem na Frick Collection e no Metropolitan Museum de Nova-Iork, e o da National Gallery de Londres

(o pequeno infante galopa numa bela "jaca„ de crinas fartas), como pela expressão profunda daquele rosto de criança — um rosto que fala, um rosto que é uma alma...

Muitos outros retratos poderiam ser citados, mas a lista tornar-se-ia interminável. Limitarei, portanto, as minhas referências, aos retratos dos bobos de Filipe IV, e, em especial, ao do bobo mais flamante, D. António, o "inglês„ que, para se apresentar com todo o *aplomb* à posteridade e avolumar a sua importância, fez-se acompanhar dum enorme cão; escolheu o gibão mais rico e o chapéu mais emplumado; afivelou à cinta uma espada de copos e prendeu nos cabelos uma grande rosa vermelha...

Feita uma respeitosa vénia a Velásquez, e feita com duplo orgulho (1), passei às salas de Murillo,

---

(«*a harmony in black and silver*», como é designado), retrato magnífico, que, segundo Chesterton, «*is characterised by a technical perfection unique in art*» e que sugeriu a Armando Daillot este comentário: — «*Ne suffit-il pas de contempler ce portrait pour sentir que l'on est en présence d'un maître?*».

(1) Velásquez, ou mais completamente, Diego Rodriguez da Silva y Velásquez, descendia de portugueses, pois era filho de João Rodrigues da Silva, do nobre ramo —

outro famoso pintor espanhol, e, para mim, o mais genial, eloquente de todos. Eu tive sempre um grande culto por este célebre Artista que foi o incomparável pintor da "Imaculada„, conhecida em todo o mundo cristão. Murillo idealizou várias Virgens, e todas elas, como as que existem no "Prado„ e noutros museus, belas. Mas a mais admirada é a da "Conceição„ do "Louvre„ (1), onde a Virgem, olhos em êxtase, mãos em cruz, nos aparece rodeada de querubins. Quadro arrebatador, no qual Murillo deixou marcado todo o fogo do seu pincel — um pincel abençoado onde poisaram os mais formosos anjos!

Se Velásquez foi o pintor da terra, como disse Luís Viardot, Murillo foi o pintor do céu. Provam-no bem os seus quadros religiosos, género em que ele foi sublime — único! Sente-se, ao vê-los, o sôpro divino do seu génio; recebe-se o calor das suas tintas, que é doce nas figuras e forte naqueles céus que, por

---

ufanem-se os «Tripeiros»! — dos Silvas do Porto. O pai do notável pintor, desprovido de fortuna, como era vulgar nos filhos segundos, oriundos de casas fidalgas, tomou o rumo de Espanha, fixando-se em Sevilha onde casou com Jerónima Velásquez. (Vid. Coelho de Carvalho, *Viagens*, pág 88).

(1) Levada pelo Marechal Soult para França, ainda se conservava no «Louvre» quando da minha visita ao «Prado», para onde voltou, afortunadamente, ao fim de longos anos de forçada ausência.

vezes, são a cópia fiel dos céus de Andaluzia, os pátrios, queridos céus, do glorioso Pintor.

Suspenso de admiração, fixo alguns dos seus notáveis quadros: a *Virgem das Dores,* com aqueles grandes olhos tristes, cheios de ternura e piedade; *Divino Pastor,* figurando Jesus Menino, de samarra e cajado, cordeiro ao lado, e ao fundo, num vago novelo de luz, o simbólico rebanho; *Cristro crucificado* — o drama do Calvário na moldura duma luz pungente; *Niños de la Concha,* lindo e gracioso quadro que dir-se-ia feito para nos seduzir os olhos; *Sacra Familia del Pajarito,* a que chamo a tela dos sorrisos, tão impregnada é de alegria cristã; *S. João Batista Menino,* num sonho extático, arrebatado, tendo junto a si o inseparável cordeiro que o fita dum modo terno, quase humano; *Martírio do apóstolo Santo André,* em que o santo, abrasado de amor divino, olhos cravados no céu, afronta, estoico, o suplício tremendo...

Mereceu-me particular atenção este quadro, pleno de movimento e côr, com belas figuras de guardas e populares.

Outro quadro que me impressionou vivamente, pelo seu doce lirismo e raro encanto, foi o de *Rebecca e Eleazar,* dum fresco sabor bíblico. Que admirável a atitude de Rebecca, matando a sêde ao enviado de Abraão! E não menos admirável a das outras don-

zelas que rodeiam, com os seus cântaros de barro, o poço de tijolo, esburacado no rebôrdo... Um quadro de feliz inspiração! E, a torná-lo mais sugestivo e rico, a luz aveludada do céu de Mesopotâmia, o ar caricioso e quente da paisagem, e aqueles criados de Eleazar, que, num plano mais retirado, conduzem os dromedários, carregados de presentes...

Ribera, *lo spnagoletto*, outro grande da pintura espanhola, surge diante de mim com o seu pincel ensopado em tintas fortes.

De Ribera já conhecia alguns maravilhosos quadros que tinha visto no "Louvre„ e registado em velhos apontamentos: *Cristo no túmulo*, onde há muito estudo e muita observação nas figuras que rodeiam o Nazareno, e a *Adoração dos Pastores*, um quadro fascinante de côr, no qual Ribera apurou de tal modo o seu pincel que realizou uma obra de suma beleza comentada por Teófilo Gautier nestas expressivas palavras: — "*Il n'en faut d'autres preuves que la délicieuse tête de la Vierge qui reproduit avec tant de charme le type spagnol dans l'"Adoration des Bergers„. Ses beaux yeux noirs sont pleins de lumière, et si ce n'est pas tout à fait la Marie du ciel, c'est dans du moins la Marie de la terre...*„

Conhecia ainda outro quadro de Ribera que possui

o Museu dos Ofícios, em Florença: *S. Jerónimo*, dum profundo e vivo realismo. Muitos que eu ignorava, vim encontrar no "Prado„: *Santo André*, *S. Simão*, *S. Paulo Apóstolo*, *S. Sebastião* e *S. Tomás*, cuja cabeça admirável me lembra a de *S. Jerónimo* no quadro do museu de Nápoles.

Em muitas dessas telas, observe-se o vigor carregado do traço que se torna dramático no *Martírio de S. Bartolomeu*, em que parece ouvir-se o ranger dos ossos do santo no retezado dos braços... Um quadro assombroso, em que o seu colorido — como notou Teixeira de Vasconcelos (1) — sobreleva todo o elogio.

No género religioso, porém, faltou a Ribera a doçura incomparável de Murillo. Dum pessoalismo forte, por vezes violento e cru, Ribera não era uma sensibilidade artística, "*un mâitre à pleurs*„, como frisou o seu biógrafo Edouard Conte (2).

Outras composições, de género diverso, me prenderam a atenção: *O sonho de Jacob*, *Combate de mulheres*, *Arquimedes*, *Um filósofo*, *O cego de Gambazo* — óptimos quadros tracejados naquele claro-escuro tão amado de Ribera.

---

(1) *Viagens na Terra Alheia*, pág. 171.
(2) *Ribera*, pág. 56.

Francisco Goya deteve-me, por bons momentos, em frente dos seus quadros. Nem todos, porém, entusiasmaram os meus olhos, refractários a tudo que é horrendo, brutal, sangrento. Estão neste caso *Os fusilamentos da Moncloa* — um quadro trágico que me encheu a alma de arrepios, como se fôsse trespassada por um frio de morte —, e *Saturno devorando os filhos*. Creio que poucos pintores terão concebido uma figura mais hedionda e mais repulsiva do que a deste bruto monstro mitológico. É um quadro no qual Goya, como aliás em vários outros, se manifesta em todas as suas "*ferocidades de color*„ para me servir da expressão, bem apropriada, de Menéndez y Pelaio. Quadros desta natureza, apesar dos seus méritos, não me podem atrair. Sou um sonhador incorrigível de coisas belas... Mas há um outro Goya que me encanta e seduz; aquele Goya admirável, autor de formosos quadros, como estes: *A Família de Carlos IV*, reputada a sua melhor obra, onde Goya se revela um retratista notável e um colorista exímio; os retratos do pintor Francisco Bayeu e da Marquesa de Vila Franca, latejantes de vida; as *Majas*, de preferência a desnuda (diz-se que era a Duquesa de Alba), repousando o corpo escultural sôbre almofadões e coxins de seda — o nu mais *saboroso*, segundo Émile Berteaux, que existe na pintura.

Em género regional são deliciosos os seus "car-

tões", onde descreve, com graciosa e risonha côr, os tipos madrilenos, as feiras, novilhadas, velhas dansas populares. Registarei, entre tantos, *O baile de Santo António de Florida,* com aqueles dois pares, plenos de ritmo, pulando à beira rio; *A Boda,* com as suas figuras bem marcadas: o músico que vai à frente, soprando o clarinete, os noivos, o senhor cura, os convidados, o rapazio... Por último, *A Vindima,* com aquele par senhoril que admira um belo cacho; o pequerrucho que o cobiça, mãos estendidas; a camponesa que espera, a mão direita segurando o cesto, a esquerda apoiada no quadril...

Goya, *cauchemar plein de choses inconnues* — assim o definiu Baudelaire em *Flores do Mal* —, foi também um aguafortista notável, como o comprovam as suas magníficas gravuras, em número de oitenta, que fazem parte da colecção de *Los desastres de la guerra.*

Outros pintores espanhóis (1) me impressionaram

---

(1) Não é propósito meu — devo aqui dizê-lo — tratar da pintura estrangeira no Museu do Prado. Isso iria longe. Direi simplesmente que o «Prado» possui quadros dos mais célebres pintores. Todas as escolas estão aqui representadas. A alemã, por Cranach, Dürer, Holbein e Mengs; a francesa, por Nicolas Poussin, Lebrun, Rigaud, Pierre Mignard e Watteau; a inglesa, por Hoppner e Romney, notando-se a

belamente: Sanches Coelho (1), muito apreciado pela "transparência dos seus cinzentos„, com os retratos do *Príncipe D. Carlos* e *Princesa Isabel Clara Eugénia;* Vicente Macip, vulgarmente conhecido por Juan de Joanes, com a *Ceia,* inspirada, por certo, no "fresco„ celebérrimo de Leonardo da Vinci, sem deixar de ser — como acentuou Augusto Mayer — "*una creación personalísima*„; Pedro Berruguete, pai do grande escultor do mesmo apelido, com *S. Pedro em oração,* duma execução sentida e perfeita; Pantoja de la Cruz, com os retratos de *Dona Joana de Áustria* e *Dama desconhecida,* duas jóias do "Prado„;

---

ausência de pintores como Reynolds, Grainsborough e Lawrence; a italiana — uma das mais refulgentes —, por Fra Angelico, Michel Angelo, Raffaello Sanzio, Andrea del Sarto, Tintoretto, Mantegna, Tiziano, Guido Reni, Correggio e Veronese; a holandesa, por Bosch, Antonis Mor, David Teniers, Wowerman, Adriaen Van Ostade e Rembrandt, se bem que do famoso pintor dos *Físicos* e da *Ronda da noite* tenha visto apenas um quadro — a *Rainha Artemisa;* a flamenga, finalmente, por Van Der Weyden, Patinier, Memling, Van Dyck, Frans Snyder, Jordaens, e, principalmente, por esse génio assombroso da pintura que se chamou Peter Rubens.

(1) Reputado português por Carducci, Palomino, Guarenti, Cirilo e Pinheiro Chagas *(Portuguezes Illustres),* embora Bermudez, e outros, o declarem nascido em Benifayró, Valência. Foi pintor, ao que se diz, de Filipe II de

Zurbaran (1), com *S. Francisco Xavier*, *Trabalhos de Hércules*, e, em especial, com *Santa Cacilda*, levando nas mãos (mais parece bela andalusa do que santa piedosa) as rosas do milagre, tal como a nossa Rainha Santa as levava no regaço; Cláudio Coelho (2),

---

Espanha que lhe chamava o «Ticiano português» e discípulo de António Moro, vindo a rivalizar com o notável mestre holandês — como refere Pedro de Madrazo em seu *Catálogo* — na arte de pintar retratos.

Moreira Freire *(Un problème d'art*, pág. 160) atribui a Sanches Coelho os retratos de D. João III e da rainha D. Catarina que viu no côro da igreja do Convento da Madre de Deus, em Lisboa.

(1) Ao contemplar os quadros deste prodigioso artista senti não ver entre eles aquela verdadeira obra prima *Monge em oração*, existente na Galeria Nacional de Londres, pois como refere Charles Baux, «*est une de ces peintures qu'il n'est pas possible d'oublier, ne l'eut-on vu qu'une fois*».

(2) Este afamado pintor era filho de Faustino Coelho, bronzista português, estabelecido em Madrid. Está bem esclarecida a profissão de seu pai, mas Bénézit (Vid. *Dictionnaire des Peintres*, tom. I, pág. 977) atribui-lhe a de pintor, o que, evidentemente, é um êrro.

Raczinski, no suplemento à sua obra *Les Arts en Portugal*, aponta Cláudio Coelho como uma das celebridades do seu tempo. Comprovam-no os seus quadros admiráveis onde parece ter rolado — tal a opulência da côr — um verdadeiro pincel veneziano; quadros que revelam altíssima

com *S. Domingos de Gusmão* e o *Triunfo de Santo Agostinho*, obras que se impõem pelo seu fino colorido e primoroso desenho; Alonso Cano, com *A Virgem e seu divino Filho*, de tão inefável doçura, e *Cristo morto sustentado por um anjo*, "onde a beleza do estudo anatómico — di-lo Marcel Dieulafoy (1) — rivaliza com o encanto da côr"; Carreño de Miranda, com o *Duque de Pastrana*, um retrato impecável, executado com rara nobreza de traço; Morales, "o divino", com *Ecce Homo*, dum elevado sentimento e *Mater Dolorosa*, duma profunda suavidade; Herrera, *el mozo* (2), com o *Triunfo de Santo Hermenegildo*, composição que se impõe pelo seu colorido excelente; Vicente López, com o magistral *Retrato* de Goya; Luís Menéndez e Juan de Espinosa, com as suas frutas; Arellano com as suas flores, que parecem ter vida e perfume...

Apesar de não ser espanhol, julgo dever incluir nesta lista Dominico Theotocópuli, *El Greco*, que nas-

---

técnica e possuem aquela «monumental grandeza» de que nos fala Augusto Mayer em *La Pintura Española*.

(1) *Espagne et Portugal*, pág. 275.

(2) Não logrei ver no «Prado» quadro algum do notável artista que foi seu pai, Francisco Herrera, que, segundo Lefort, sobrelevou o filho na exuberância e no vigor do seu pincel.

cido em Creta pelo ano de 1548 e educado em Itália, veio em plena juventude para Espanha, fixando residência em Toledo onde pintou grande parte dos seus quadros. Isso justifica os versos de Frei Hortênsio Paravicino gravados no seu túmulo:

"Creta le dió la vida, y los pinceles
Toledo....."

Muito embora se note em muitos dos seus quadros a influência dos mestres italianos, *El Greco* depois que mergulhou os olhos no céu ardente de Espanha e sorveu a sua luz maravilhosa, criou um estilo próprio, inconfundível. Algumas das suas telas causaram-me funda admiração. A *Santíssima Trindade* é um quadro opulento, rutilante de côr. Nas suas figuras há um sôpro de Miguel Ângelo...

O *Pentecostes*, com a Virgem rodeada pelos apóstolos, é duma sublime idealização. Quadro abrasante, feito com pinceladas de fogo! Maurice Barrés no seu livro sôbre *El Greco* designa-o como *"le peintre de l'ame, et de l'ame la plus passionnèe"*. Este quadro — e outros mais — justifica tal conceito.

Como retratista, *El Greco* foi consumado. É ver o *Retrato dum Desconhecido*, com aquela prodigiosa mão posta sôbre o peito e o *Retrato do Cavaleiro*, com a estupenda cabeça afogada numa enorme gola branca...

Belos, belíssimos quadros do *Greco* possui o Museu do Prado. Mas o mais famoso de todos encontra-se na Igreja de S. Tomé em Toledo. Refiro-me ao *Entêrro do Conde de Orgaz*. Este quadro, duma grandeza empolgante, não se descreve, sente-se!

Mas esse artista privilegiado, criador de tanta beleza perfeita, tombou, por vezes, em verdadeiras aberrações. O pincel tornou-se delirante; a figura humana sofreu singulares deformações... Os críticos, entre os quais Ricardo Jorge e Marañon — sábios clínicos, *doublés* de literatos —, investigam, proficientemente, o estranho caso. Mas, quanto a mim, está há muito esclarecido por Teófilo Gautier. *El Greco* foi, nada mais, nada menos, do que "um louco genial".

...E com os olhos embriagados de côr, me despedi dos belos pintores do "Prado", com os quais passei duas tardes felizes, todo entregue à Arte, a eterna e grande consoladora...

DE MADRID AO ESCURIAL

DE MADRID AO ESCURIAL

Pela manhã cinzenta e chuviscosa, eis-me num magnífico *Studebaker* a caminho do Escurial. O auto-ómnibus vai cheio de turistas. Olho-os sem interêsse. Apenas me despertam a atenção uma elegante madrilena, toda de preto, que ao descalçar a luva mostra num dos dedos um grande anel com brasão, e um velho inglês, de boné e cachimbo — "o inglês das viagens„ — para me servir da expressão de Júlio César Machado.

Como gosto de ver sempre quem me conduz e conheço um pouco os homens pela cara, sem pretensões a ser mestre, como Lavater, observo o motorista. Noto que é cego dum ôlho, o que me sobressalta, mas logo filosofo que talvez veja mais com um ôlho só do que muitos — como é vulgar na vida! — vêem com dois...

O trajecto nada tem de surpreendente. Pelo contrário, é duma aridez chocante. Eu que gosto tanto de árvores — quem não há-de gostar delas? — só lobrigo uma ou outra azinheira, de verdura triste... Tudo é solidão, solidão imensa! Julgo-me no deserto, nos areais de África, na Líbia ardente! Simplesmente fui atraído (isto pouco depois de sair de Madrid) pelas margens do "Manzanares„, esse "*arroyo con honores de rio*„, no amável dizer de Cervantes.

É certo que um embaixador alemão — narra *Le Guide Bleu* de Monmarché — gracejou com ele, julgando-o preferível a todos os rios por ser duplamente navegável — em carruagem e a cavalo...

Também Alexandre Dumas, pai, lhe assestou as suas ironias quando passou pela Espanha. Conta-se que depois de beber água, dizia, gravemente, ao criado que o servia, apontando-lhe o copo ainda meio: — "*Va le porter au Manzanarés; ça lui fera plaisir.*„ —

Mas esse "aprendiz de rio„, como lhe chamou Quevedo, segue inalterável, sobranceiro aos epigramas. Ele bem sabe — e isso o contenta — o que Lope de Vega lhe disse em sua comédia *Santiago el Verde:*

"*Manzanares claro,*
rio pequeño,
por faltarle el agua,
corre con fuego.„

Ao fim duma hora de viagem chego ao Escurial. Deixou de cair aquela chuvinha teimosa que me acompanhou desde Madrid. O sol, rompendo as nuvens, abre o saquinho mágico e despeja pela terra os seus topázios de oiro... A paisagem exulta! Tudo ganha relêvo e côr. Até as montanhas do Guadarrama, cheias de neve pelas cristas, tornam-se mais belas. Revejo-as daqui: rebrilham como se fôssem atravessadas por um grande rio de prata...

Trouxe-me ao Escurial o desejo de conhecer o célebre mosteiro de São Lourenço, começado em 1563 por João Baptista de Toledo e concluído em 1584 por João de Herrera, um dos mais famosos arquitectos da Espanha de todos os tempos. O edifício, construído em granito azulado, tem um aspecto grandioso, mas é tenebroso e frio, como se fôsse feito à semelhança (outros o disseram já) de Filipe II, seu fundador.

Entro na igreja, lançando os olhos pelas vastas naves e altas abóbadas, onde refulgem os "frescos„ de Giordano. Fixo, na capela-mor, um grupo de estátuas em bronze no qual avulta a princesa Maria, filha do nosso rei D. João III e primeira mulher de Filipe II quando este era ainda príncipe das Astúrias. Inclino-me, reverente, perante o panteão dos reis e detenho-me, pensativo, diante da porta lúgubre do *podridero*...

Admiro, na sacristia, notáveis quadros: o *Cristo*

de Ticiano; *Descida da Cruz*, de Ribera e *A Santa Forma* (1), de Cláudio Coelho, pintor célebre, glória da Espanha, onde nasceu, e glória de Portugal, pois como já foi dito, era filho de pais portugueses.

Sigo por um estreito corredor, e na meia luz, dolorida e benta, duma pequena capela, contemplo, extático, o Cristo em mármore, de Cellini — corpo branco, divinamente branco, colado ao negro da cruz...

Subo à biblioteca, que encerra valiosos tesoiros: edições raríssimas, encadernações preciosas e missais e livros de côro com soberbas iluminuras. Há verdadeiras jóias pelas vitrinas, que seduzem os nossos olhos: um livro de orações que foi de Carlos V; um volume — o *Códice Áureo* — com os seus cantos de bronze e fechos de prata; um álbum de desenhos do nosso Francisco de Holanda... E pelas estantes, quantas maravilhas! Surpreendem-me os seus numerosos livros (particularidade interessante!) colocados em sentido inverso: lombadas para dentro e fôlhas para fora, rebrilhantes de oiro.

---

(1) Bartolozzi, o grande artista florentino que viveu alguns dos seus mais esplendorosos anos em Portugal, onde morreu, reproduziu em magnífica gravura, hoje muito cobiçada, este admirável quadro, considerado pelos críticos uma autêntica obra-prima.

Dirijo-me agora ao palácio real onde os visitantes se aglomeram no primeiro andar. A porta abre-se e logo surge um empregado, amável e loquaz, que nos leva de sala em sala, chamando a nossa atenção para as tapeçarias *d'aprés* Teniers, Goya e Bayeu; para os quadros de Pantoja de la Cruz; para os canapés de rosa e oiro, estilo Império; para as seges da época; para a cadeira de braços de Filipe II, testemunha impassível da sua doença implacável...

Saio do palácio e despeço-me do Escurial. Sinto-me opresso e melancólico, contagiado por este lugar tristíssimo sôbre o qual Edgar Quinet (1) bordou uma página desconsoladora...

Já o sol, numa golfada rubra, desfaleceu no poente. Assisto então a uma cena que me choca: a terra sente-se viúva, e, lacrimosa, angustiada, despe o seu trajo claro e envolve-se em pesado luto...

---

(1) *Vacances.*

UM DOMINGO EM TOLEDO

UM DOMINGO EM TOLEDO

Logo de manhã cedo parti de Madrid num *Elcar* veloz, que, em vez de rodas, parecia ter asas. O trajecto pouco me seduziu. É que a paisagem, por estas regiões de Castela-a-Nova, é quase sempre a mesma — duma aridez profunda, desoladora. Paisagem mortal, apenas colorida, de quando em quando, pelos variados tons da terra que vão desde o amarelo quente ao roxo forte, e por aquelas manchas imprevistas que, afinal, surgem sempre em todas as jornadas para desfastio dos olhos.

Apesar de ser domingo, um dia santificado por excelência e de se estar na Espanha católica, viam-se lavradores, de boina e chancas, empunhando a rabiça no amanho da terra. Outros iam recolhendo a beterraba em lugarinhos solheiros, e outros ainda as belas pencas que em hortinhas amimadas de água, verde-

javam que era um regalo. Em certos pontos, abundavam as noras. Era vê-las no seu fadário de voltas, arrastadas, pacientemente, por mulinhas negras, de olhos vendados... A caminho das herdades ou do mercado, passavam carroças empinadas de legumes, com três cavalos ao tronco e um de sota. Alguns, bem ajaezados: cabeçadas trabalhadas, mantas vistosas... Depois, o cenário mudou. Monotonia, solidão agreste... O sol refulgindo, metálico, frio, e o automóvel marcando 50, 70, 100..., como se fôsse brincando com os quilómetros...

Ao entrar em Toledo, iluminado pela luz mais bizarra que tenho visto, mal contive um grito de admiração. Com que alvorôço saudei a cidade imperial e coroada, cidade por onde os moiros passaram agitando as seus turbantes e brandindo os seus alfanjes de oiro, marchetados de rubins!

Toledo lindo, cheio de terraços brancos... Ao contemplá-lo, senti-me transportado ao oriente. Com que enlêvo percorri a cidade, prêso, a cada passo, do seu mágico encanto! Oh, as ruínhas estreitas, torcidas, que ora se beijam, ora se acotovelam! Ruínhas silenciosas, quase adormecidas... Mas nos tempos de antanho, que vida as não animaria! E eu revejo-as, séculos atrás, quando, pelas alvoradas sangrentas, os moiros

as despertavam com os seus gritos de guerra e a galopada dos seus cavalos!

Quantas vezes sorriram, atapetadas de mirtos e rosas! E quantas vezes choraram, vendo passar pelas horas mortas da noite, levadas no arção das selas, as virgens desmaiadas!

Subi à "Virgen del Valle", e dali contemplei a antiquíssima cidade que diz-se ter tomado o nome de *Toletum*, munícipe romano.

Evoquei, num relâmpago, a sua história, feita de clarões fulgurantes e de sombras pesadas. E pelos meus olhos passou o longo cortejo dos seus reis: gôdos, moiros, católicos. Evoquei a conversão de Recaredo, a vingança de Amru, os encantos de Zaida, as façanhas de Cid, os heroísmos de Maria Pacheco...

E detive-me, particularmente, na contemplação mental destas duas figuras duma beleza de vitral: Santa Leocádia, tão venerada pelos toledanos, e Cacilda, filha do emir El-Mansur. A primeira, sublime na sua fé e no seu martírio; a segunda, na sua piedade, pois aventurava a vida para socorrer os cristãos.

Evoquei ainda uma notável figura de mulher, que, apesar de toledana, tornou-se muito nossa pelo seu espírito e pelo seu coração: Luísa Sigeia, a autora do

poema *Sintra*, astro refulgente na côrte portuguesíssima da infanta Dona Maria — côrte famosa onde se cultivavam as ciências e se poetava em latim...

Depois dum óptimo almôço no "Hotel del Lino", apressei-me a visitar Toledo, visto que a manhã toda a passei a desfiar o seu passado e a conversar com as suas ruas...

Toledo tem muito que ver! Não é, porém, numas horas fugitivas que se fica a conhecê-lo. Mas, não obstante o pouco tempo de que dispunha, aproveitei-o o melhor que pude, conseguindo observar a cidade, fixar-lhe as feições, sentir-lhe a alma...

E, deste modo, posso dizer sem receio de errar: Toledo é maravilhoso, e, no seu género, único! Quem se não convencer bata às suas portas encantadas. Elas se abrirão prontas — como se abriram para mim —, mostrando-lhe os tesoiros da sua catedral e as grandezas do seu Alcácer; a célebre "Puerta del Sol" e a velha "Puerta de Visagra"; a "Casa del Greco"; a "Posada de la Sangre" onde Cervantes escreveu *La ilustre fregona;* a "Puente de Alcántara", sob os arcos da qual corre o "Tejo" apressado, desejoso por se ver, amado e engrandecido, em boas terras de Portugal...

Toledo é inconfundível. Enriquecido de monumentos e perfumado de lendas, ele fala à alma dos artistas e poetas (1). Quem o visitar, para se não perder no dédalo das suas ruas, acompanhe-se do guia de Luis Podadera: — *Un viaje a Toledo*. Mas não leve, como eu, as horas contadas.

Disponha de tempo para andar, ver, e, sobretudo — sonhar! Saiba olhar para tudo: para as casinhas pitorescas, a chamarem a atenção dos pintores; para os arcos azulejados; para as tôrres quadradas; para os murinhos brancos, deliciosamente brancos...

Repare bem para algumas janelas, onde por detrás das grades, parecem espreitar formosas odaliscas... Entre nos pátios ensombrados, onde a luz tìmidamente entra... Dirija-se ao "Baño de la Cava", e veja se por lá surpreende a bela Florinda... Ou, se preferir, corra ao "Paseo del Miradero" onde deve pairar ainda a sombra amorosa de Inês de Vargas. E, se a não encontrar, procure-a nos versos de Zorrilla... Contemple, finalmente, as ruínas do castelo da sedutora moira que prendeu Carlos Magno na rêde dos seus encantos, e, melancòlicamente, entoe aquele velho canto toledano:

---

(1) Já depois de eu ter passado por lá, que admirável livro sugeriu a Antero de Figueiredo! E que lindo soneto inspirou a Florbela Espanca!

Castillo de Galiana,
la de sin par gentileza,
qué fué de tus torreones
Y de tu oriental grandeza?

Toledo! Deixei-o com pesar. Ao dirigir-me para o automóvel, atravessei a Praça de Zocodover, envôlta na luz aveludada do fim da tarde. Lancei um rápido olhar para as suas árvores. Pareceram-me tristes, talvez por não terem nos seus ramos a alegre passarada das árvores do Porto ou Lisboa... Em compensação, a fonte que lá existe, cantava de contente. E digo porquê: — é que ela se entregava toda aos cantarinhos amorosos que, levados por lindas mãos, sôfregamente a procuravam...

DE MADRID A BARCELONA

DE MADRID A BARCELONA

Um silvo agudo... E o comboio, à hora precisa (9 e 50), larga como um corcel fantástico. Vou atento à paisagem, lápis na mão. Gostei sempre de escrever quando viajo; de arquivar uma ou outra nota palpitante que será, um dia mais tarde, lida talvez com a magoada saudade que nos deixa o tempo que passou...

E o comboio roda... Surge Alcalá de Henares, berço de Cervantes, em cânticos de sol; Guadalajara, em pleno céu azul, onde esvoaçam, como pombas altas, as lembranças dos Mendozas, "os Médicis de Espanha,,; Humanes de Mohernando, entre vinhas de púrpura e oiro...

Impressionam-me certos montes, que, pela sua côr sangrenta, parecem ter sido agredidos. Outros

têm um aspecto feliz e abençoado, como aquele, lá ao fundo, em cujo cimo poisa um rolinho de nuvem, branco, tão branco, que lembra um resplendor de prata na cabeça dum santo...

De longe a longe, localidades novas: Sigüenza, rodeada de muralhas; Arcos de Jalón, num fundo de montanhas; Ariza, aos pés dum velho castelo...

Choca-me, por vezes, o ar desolado e cru da paisagem, que, sensível ao meu pesar, mostra-me, num quadro repentino, a onda agitada dos rebanhos a rolar por cêrros e montes...

Pelas alturas de Terrer, a paisagem enfeita-se, garridamente. Encanta-me formosa veiga onde o verde e o roxo (a eterna briga das côres!) gritam fortemente. Sigo com os olhos o "Jalón„, de águas prateadas. E exclamo, enlevado: — belo destino, o dos rios! Correndo e cantando sempre...

E o comboio roda. E a manhã, menina há poucas horas, cresceu, cresceu tanto, que é um encanto vê-la! Mas eis que se despede, mandando-me, num amoroso beijo, a sua irmã mais velha — a tarde...

E sempre, e sempre, novas povoações: Alhama de Aragón, com as suas águas salutares; Calatayud,

pátria do poeta Marcial; Calatorao, cheio de recordações romanas...

E o comboio roda... Oh, o monstro de aço! Rasgou violento e brutal o corpo moreno das serras, como a de Vicor, e corre agora, ágil e folião, por doces, pacíficos vales, onde os choupos de fôlha doirada se miram, quais Narcisos, no cristal puro das águas...

E novas terras surgem: Rueda com as suas habitações troglóditas; Saragoça, numa aguarela de tôrres e solares...

Aproveitando a paragem do comboio, desço à gare e lanço um breve olhar para a cidade da *Virgen del Pilar*. Bem quisera, se fôsse possível, atravessar o "Ebro„, que, num preito de vassalagem, estende a seus pés o manto argênteo das suas águas, e correr até junto dela para levar uma saudação à grandeza do seu passado e à fé do seu presente.

Respondendo ao sinal da partida, a locomotiva silva, sacode os vagões e rola com eles pela via fora.

La Cartuja; Fuentes de Ebro, cujo nome ressoa como um gorjeio de água...

Depois, mais espaçadamente, Azaila, no regaço azul, brandamente azul, duma airosa colina: Sam-

per de Calanda, em chapadas berrantes de côr; Caspe, onde os cavaleiros de Malta e do Templo gravaram a cruz heróica da sua Ordem...

Aos últimos raios de sol (tem vida curta o sol do Outono!) a paisagem esboça ainda uns leves sorrisos. Mas, de chofre, cai, desfalecida, nas garras da serrania brava. Tudo agora é pesado, sombrio. Pontes e desfiladeiros. Túneis após túneis. Noite e mais noite... O cansaço me invade. O lápis adormece, e só desperta para a nota final, ao grande clarão de luz de Barcelona em festa!

BARCELONA E A SUA EXPOSIÇÃO

BARCELONA E A SUA EXPOSIÇÃO

Cheguei a Barcelona tardíssimo, depois das onze da noite. Saí da estação e fixando a longa fila de trens, tomei o cupé mais próximo e indiquei ao cocheiro certo hotel que me tinham recomendado.

Infelizmente, estava cheio, aconselhando-me o seu gerente o "Hotel de l'Exposición, n.° 4", onde deveria encontrar alojamento.

Começou aqui a tremenda odisseia! Não obstante os meus berros, apoiados com os punhos nos vidros do carro, o cocheiro, imperturbável na boleia, fartou-se de andar de praça em praça, rua em rua, beco em beco, ao trote enervante dum baio escuro, industriado em andamentos curtos para maior rendimento do serviço... Enfim, após longo calvário, lá consegui chegar ao hotel, depois de descompor o cocheiro, que, num catalão cerrado, reclamava com a maior petu-

lância as gordas pesetas de tantas voltas e reviravoltas!

O excelente cocheiro! Devia ser descendente directo daqueles cocheiros madrilenos que moeram a paciência a Pinheiro Chagas e o aterraram a tal ponto que o insigne escritor (conta-o em seu livro *Madrid*), tremia como varas verdes sempre que se metia numa carruagem!

Devido à hora tardia, já encontrei o restaurante do hotel fechado, sem ao menos poder aquecer o estômago com uma boa chávena de chocolate ou com um famoso cálice de *Jerez*.

E neste desconfôrto supremo, subi penosamente as escadas do hotel que, todo feito em cimento, me deu a impressão de frio, horrìvelmente frio. A aquecê-lo, simplesmente, os olhos ardentes — duas brasas! — da *camarera* que me apareceu no quinto andar a indicar-me o quarto 53 e a desejar-me *muy buenas noches* com o mais gracioso dos sorrisos.

A arrelia da chegada dissipou-se após uma noite bem dormida. Levantei-me cedo e assomei à varanda do hotel a contemplar a cidade. A Exposição ficava em frente, a umas dezenas de passos.

Via as suas bandeiras, numa gritaria de côres, esvoaçarem à brisa da manhã. Olhei para outras direcções. Barcelona, a cidade que trabalha, cujo labor Zorrilla celebrou em hendecassílabos vibrantes, para o trabalho acordava. Tomei o pequeno almôço e corri a visitá-la.

Barcelona, a antiga capital da Catalunha, é uma cidade admirável que se impõe pelo seu modernismo; uma cidade que traja à parisiense e que se apresenta (é ver os seus magníficos edifícios) de colarinhos altos...

Barcelona tem belezas excepcionais: as "Ramblas", com as suas largas avenidas orladas de plátanos e os seus mercados de flores; a "Plaza de Cataluña", com os seus elegantes arruados e os seus belos grupos alegóricos; a "Plaza Real", com os grandes leques verdes das suas palmeiras...

Mas se bem que me entusiasme a cidade nova, não deixa de me seduzir a antiga com aquelas ruínhas que me lembram — passe a fantasia! — doces velhinhas arrastando ao sol os seus vestidos já muito gastos e picados pela traça dos tempos...

As ruínhas doutrora! Que os românticos do passado as venham ver; que ponham os seus olhos, como eu puz os meus, nalgumas que fiquei a conhecer e

que me pareceram das mais sugestivas: a de "las Tres Voltes", a "del Paradís" e a da "la Piedad". E que dessas pitorescas *calles*, passem, em romagem devota, às "Plazas del Oli" e "del Rey", esta última onde Blasco Ibañez se inspirou para a novela de Barcelona, que não chegou, porém, a escrever, ao contrário de Cervantes que num local chamado hoje "Paseo del Colón", segundo se diz, concluiu a sua obra imortal e consagrou a Barcelona estas palavras que ressoam como um cântico: — "*archivo de la cortesía, albergue de los extranjeros, hospital de los pobres, patria de los valientes, venganza de los ofendidos y correspondencia grata de firmes amistades y en sitio y en belleza única.*„ (1)

Não obstante Barcelona ser uma cidade digna de se ver e admirar, não foi por essa razão que eu vim até cá. Não foi, tampouco, para subir, entre alas de aloés e loendros, a ladeira de Montjuich e gozar de lá, ou do Tibidabo, os seus encantos panorâmicos. Vim, simplesmente, pela sua Exposição Internacional, maravilha de arte e beleza, rica de monumentos, pavilhões (oh, os famosos, preciosíssimos recheios!), jardins, fontes e lagos, onde a água fulge e canta, sobe e

---

(1) *Don Quijote de la Mancha*, p. II, cap. LXXII.

desce, gira, rodopia, num bailado constante. A Exposição de Barcelona! Um prodígio! Dir-se-ia ter passado por estes céus uma grande asá de sonho... Uma asa de milagrė, que ergueu um poema e uma aguarela:—o "Palacio Nacional" e o "Pueblo Español".

A Exposição de Barcelona é uma revelação estupenda da grandeza artística de Espanha. As salas do Palácio Nacional (perto de cinquenta) são um mostruário opulento dos tesoiros vindos de toda a parte: das igrejas e conventos; paços e catedrais; museus e casas particulares.

Que de jóias fulgurantes! São as casulas e dalmáticas em lhama, brocado e terciopelo, com bordados riquíssimos: mitras, com a mais ofuscante e variada pedraria; báculos, como o de San Ramón, em marfim, ou como o de San Valero, em cobre esmaltado de Limoges. São as custódias de oiro e prata; cálices valiosos, entre os quais destaco o que foi do cardeal Mendoza; cruzes processionais de arte gótica; relicários de arte lombarda. São os retábulos bizantinos; os trípticos flamengos; as bíblias moçárabes; as encadernações moiriscas de cordovão lavrado. São os quadros primitivos; arneses e selas; freios visigóticos; mosaicos romanos; azulejos de Alhambra;

pratos vidrados de Manises e jarros, com figuras e ramagens, de Talavera... Um mundo de maravilhas!

A Exposição de Barcelona é duma grandeza empolgante! Quase todas as nações se fizeram aqui representar, e algumas, como a Itália e a Bélgica, em pavilhões admiráveis. Não poderei dizer o mesmo de Portugal, que ficou obscurecido de todo. Em compensação, tem uma representação brilhante na Exposição de Sevilha. Ali, sim! Ali é que está, em toda a sua dignidade, no seu paço de grande senhor, Dom Portugal de Aquém e Além-Mar!

Um dos encantos mais fascinantes desta exposição é "El Pueblo Español„, reprodução soberba e fidelíssima (deve-se aos arquitectos Raventós e Falguera) das edificações mais típicas da velha Espanha. Percorri, verdadeiramente enlevado, essas risonhas *callejas* e *plazoletas*, cheias de fontes graciosas e pátios floridos... Subi os degraus da igreja de Santiago de Compostela; transpuz as portas de Ávila e Prades; detive-me em frente da torre mudéjar de Utebo; admirei, num bairro andaluz, o palácio sumptuoso do Marquês de Peñaflor; na "Calle de Caballeros„, as

casas adoráveis de Vinuesa e o belo arco navarro de Maya; em rua que não fixei, o solar galego dos Fefiñanes...

Os meus olhos, extáticos, contemplaram a "Plaza Mayor„ no esplendor das suas arcadas; a "Plaza del Carmen„, com os seus nichos poéticos; a "Calle dos Arcos„ com os escudos pomposos dos seus prédios...

Com muita razão e brilho disse Vicente Clavel: "*Sólo por contemplar el Pueblo Español, con sus rincones llenos de encanto y poesía, con sus encrucijadas, soportales, posadas, hosterías, etcétera, rebosantes de colorido local y de tipicidad, se justifica la visita a la magna Exposición Internacional de Barcelona desde los lugares más apartados de la Tierra. Y con esta visita, además de las profundas e insospechadas sensaciones de arte que recibirán, podrán los extranjeros conocer el elevadísimo grado de civilización a que ha llegado la floreciente, sana, laboriosa, honrada y siempre hidalga nación española.....*„ (1)

Parto daqui pesaroso. Levo saudades—confesso—das tardes de Barcelona e das noites da Exposição;

---

(1) *Barcelona*, 1929, pág. 112.

dessas noites, como a última, sobretudo, em que as cantadeiras de Valladolid (estou a vê-las: *mantóns* negros, saias amarelas...) com as suas trovas melódicas e danças graciosas, pareciam ter cotovias na voz e borboletas nos pés...

DE BARCELONA A SEVILHA

DE BARCELONA A SEVILHA

Mal entro na carruagem e me asseguro do lugar, acendo um "abdula" e venho para o corredor.

O comboio está prestes a partir, mas ainda surgem passageiros, açodados, abrindo portinholas, atirando para os compartimentos embrulhos e maletas, e, a seguir, a pesada bagagem (refiro-me a alguns !) das suas pessoas anafadas...

A gare regorgita de gente. Tem movimento e côr! É a página movimentada dum diário de viagem, escrita pelos que vão e pelos que ficam; página ilustrada com apertos de mão e abraços efusivos; página que se desdobra e repete sempre que um comboio parte...

Depois de Gavá — o mar. Um mar de pouca vaga que ora surge, ora desaparece, por detrás da cortina

negra dos túneis. Há muito que eu não via o mar de Espanha. A última vez que o vi — lembro-me bem! — foi em San Sebastián quando por lá passei há um par de anos e o surpreendi a espreguiçar-se, com volúpias de sultão, pela praia de La Concha... O mar de Espanha! Eu bem sei que para a minha sensibilidade de português, só há um mar grandioso e belo — o mar da minha Pátria, coberto de sol e glória... Mas este mar que eu vejo agora, apesar de estranho, prende-me e cativa, pois é tão gentil que me acompanha por largo tempo. Agrada-me — confesso —, tão excelente companhia. A companhia do mar! Não será preferível à dos homens?

Absorvido na miragem oceânica mal dou conta de ter passado Sitges com as suas vinhas em tons de oiro e violeta — vinhas em descanso, após terem dado à região a mais doce e reputada malvasia.

Em Villanueva, ao sol da tarde — o rubro sol das quatro horas —, o mar volta a prender-me com a surprêsa das suas côres: verde leve junto à costa e azul vivo para além dela. Um belo espectáculo o mar, com as suas ondas rolantes, os seus penhascos abruptos, e aquele navio de vela, lá ao fundo, que dir-se-ia ter parado para ver passar o comboio...

As vinhas sucedem-se. Baco tem por aqui um belo domínio! Julgo vê-lo passar, cambaleante, de grande taça na mão...

Em manchas azuladas, avistam-se, a distância, as montanhas de Aragão. Quase se cravam no céu que me lembra, neste doce findar da tarde, uma ágata enorme, raiada de vermelho... O riso branco das povoações sacode a planície sonâmbula. O comboio pára. Indago. Está-se em Tarragona, celebrada pelo seu luminoso céu e pela amenidade do seu clima. Os meus olhos perdem-se num trecho suave do pôrto, onde já bruxoleiam faróis, vigiando, atentos, a noite que se aproxima.

Entram passageiros. Entre eles distingo um oficial de *carabineros* de barretina alta, e duas religiosas de grande touca engomada.

O comboio vai repleto. Embora haja quatro séries de jantar — já foi anunciada a primeira — toda a marcação está tomada. E eu, por desleixo, sem reservar lugar! Compro um *panier* que me apresso a abrir mal o comboio parte. Não desagrada: pãezinhos de fiambre e queijo, alguma fruta e uma garrafa de vinho, que, não sendo *Rioja*, não me parece de todo mau.

O comboio adquire uma velocidade louca. Na meia escuridão, já não sei que árvores são estas que passam como fantasmas. Um pequeno clarão de luz se divisa. É Salou, apertado já nos braços da noite, noite que nos leva, léguas em fora, até Valência, a cidade do Cid, onde o comboio chega às onze e quarenta e logo parte, rápido, estrepitoso...

A noite, mordida pelo luar, torna-se clara. Ergue o véu misterioso e mostra-me a mancha espelhada dos arrozais. Que belo luar! Ficaria toda a noite a vê-lo, se pudesse! Mas é tarde e necessito descansar. — Desculpa-me, luar amigo!

Estendido no improvisado leito, espero, pacientemente, que Morfeu me cerre as pálpebras. Mas ele mostra-se esquivo, mais por culpa dos meus nervos, que vibram em excesso, do que do benemérito deus a quem a humanidade deve, por bons momentos, o esquecer-se das mágoas e agruras de que é feita a vida... E, como não durmo, penso. Penso na jornada que venho fazendo por esta Espanha admirável, cuja história gloriosa se fez com um rosário e uma espada nas mãos... Penso na sua gente impetuosa e altiva, que ama e odeia com a mesma violência e invoca a

Virgem Santíssima a toda a hora... Penso na Espanha dos céus de fogo, paisagens fortes... Penso, finalmente... que vou adormecer!

Surge a manhã triunfal. Um lindo sol beija a paisagem, dando-lhe os bons-dias. Pela crista das serras as nuvens trepam, feitas cabrinhas brancas... Passaram a noite na terra, e agora, apressadinhas — não vá Deus ralhar! —, volvem ao redil do céu... Já um fumo leve, muito leve, se evola dos povoados. Conheço-o há muito! É o fumo das lareiras, amoroso e lindo, cheirando a lenha fresca, a pinheiro novo...

Pelos caminhos, à beira da linha, vão passando camponeses, ferramenta ao ombro. Em certa passagem de nível, aglomeram-se homens e mulheres (feira próxima, talvez!) a pé, a cavalo, em carros de rodas altas, capotas de lona, machos enfeitados...

De Santa Cruz de Mudela a Almuradiel, o comboio abranda a marcha no esfôrço da subida. Lança-se depois, vertiginoso, sôbre o vale de Vamújar; vence o desfiladeiro de Despeñaperros, famoso e pitoresco, e entra em Santa Helena onde os passageiros recebem os primeiros sorrisos da Andaluzia.

Passam rios, sangue da terra, a correr... É o "Guarrizas„ esverdeado; o "Guadalimar„ amarelento; o "Guadalquivir„ acinzentado — que triologia de côres! —, em cujas margens pastam cavalos e pinoteiam potros.

O meu lápis — fotógrafo *à la minute!* — não descansa no registo do que vê. Assim, pelas alturas de Espeluy, esboça a campina alegre, onde os lavradores, com as suas muares, andam na faina rústica; na velha Andújar, fixa a silhueta da cidade com o sol do meio-dia a bater-lhe em cheio; nos arredores de Vila Franca de Córdova, manadas de toiros bravos e, em certos lugares protegidos, acampamentos de ciganos, com as suas carroças e burricos, e, ao centro, a fogueira rubra onde ferve o caldo e loireja, talvez, uma boa perna de cabrito...

Passado Alcolea, com as suas terras produtivas e as suas frondosas carvalheiras, surgem os primeiros contrafortes da Serra Morena — a serra lendária por onde andou D. Quichote com o seu fiel escudeiro Sancho Pança, e no alto da qual — narra Chateaubriand — os batalhões de S. Luís, rei de França, ao avistarem a campina andalusa, tão maravilhados ficaram que lhe apresentaram armas...

O comboio roda, vertiginoso. Lembra-me um galgo enorme, com pernas de aço, correndo à bruta para alcançar em tempo rápido a distância... E rodando, rodando sempre, entra como um furacão na velha Córdova, "a pérola do ocidente", como os poetas árabes lhe chamaram. Projectava visitar a famosa cidade dos califas e sorver todo o seu aroma estranho. Não me foi possível, porém. Limitei-me a saudá-la, de passagem, com os versos de Luis Góngora:

"Oh excelso muro, oh torres coronadas
de honor, de majestad, de gallardia!"

A viagem vai-se aproximando do seu termo. Já passou Palma del Rio, com os seus viçosos laranjais; Peñaflor, a *Ilisea* dos romanos, com a sombra da sua tôrre... Passaram novos rios, como o "Guadalbacar" e o "Carbones". Estes, porém, breve me deixaram, mas o "Guadalquivir" que reapareceu em Los Rosales, segue-me até Sevilha, lindo, tão lindo, que eu não resisto a dizer-lhe, como o poeta:

"Rio de Sevilla,
cuán bien pareces,
con galeras blancas
y ramos verdes!"

OS ENCANTOS DE SEVILHA

OS ENCANTOS DE SEVILHA

Sevilha, a poética flor da Andaluzia, foi sempre alegre e festeira! Bem poucas, como ela, sabem atrair os turistas e prendê-los com o seu sorriso e as suas castanholas... Bem poucas lhe oferecem espectáculos tão empolgantes, tão ricos de côr, como sejam as suas procissões e romarias, feiras e toiradas.

Mas Sevilha, para ser admirada, não precisa de se mostrar em festas espaventosas. Bastam-lhe os seus encantos naturais, a sua beleza própria, incomparável. Daí, este provérbio:

Quien no ha visto Sevilla,
no ha visto maravilla.

Sevilha! O céu, o rio, o sol, e a abençoá-la toda, a Virgem de la Macarena... Terra de Velásquez e Mu-

rillo; terra de amor onde tudo vibra e canta, e até "*las piedras sienten*„, como diz Campoamor! (1)

Sevilha! — *el ójito negro de la tierra donde salen al mundo* (palavras de Serafin Calderón) (2) *los buenos mozos, los bien plantados, los lindos cantadores, los tañedores de vihuela, los decidores en chiste, los montadores de caballos...*„

Sevilha! A cidade "*perfumada y loca de luz*„, como a intitulou Ortega y Gasset; (3) tão sedutora e bela que os irmãos Quintero lhe perguntaram, deslumbrados:

— "*Qué hay en ti, Sevilla, que te hace singular en el mundo? Qué hay en ti, que, quien no te vió nunca te desea, y enamora á quien te ve, y quien te ve y te deja sueña en volver á verte?*„. (4)

Sevilha, a cantada dos poetas, a namorada dos artistas! Edmundo de Amicis, do alto da "Giralda„, exalta-lhe a formosura, a pompa oriental. Aos olhos do infatigável viageiro ela mostra-se "branca como uma cidade de mármore„, engrinaldada de jardins e

---

(1) *Colón*, canto II, est. 7
(2) *Escenas andaluzas*, pág. 19.
(3) *Teoría de Andalucía*, pág. 55.
(4) *La Patria Española*, pág. 172.

bosques e acariciada pelo "Guadalquivir„, que a cinge na curva dum longo abraço... (1)

Lord Byron ergue-a em sua lira de oiro. Para o grande poeta inglês, Sevilha é a "cidade agradável, célebre pelas suas laranjas e pelas suas mulheres„. (2)

E Victor Fournel, agitando o turíbulo no altar das suas graças, incensa-lhe as beldades: "*des andalouses de romance aux yeux noirs, à la taille cambrée et aux petits pieds*„. (3)

Sevilha, a eterna sereia! Como é doce vê-la e gostoso ouvi-la!:

Hercules me edificó,
Julio Cesar me cercó
De muros y torres altas;
Um rey godo me perdió,
El rey santo me ganó...

Mas Sevilha não se impõe sòmente pelos seus encantos poéticos. Impõe-se também, e dum modo singular, pelas suas belezas artísticas. Veja-se a Catedral. Observe-se a fachada principal realçada por três portas magníficas, duas das quais com as estátuas

---

(1) *Spagna.*
(2) *Don Juan* (canto 1.º, est. VIII).
(3) *Au Pays du Soleil*, pág. 118.

de pilares notáveis, atribuídas a Lorenzo Mercadante e Pedro de Milán. Vejam-se ainda outras, onde refulge o génio dos lavrantes — o génio miraculoso que faz falar as pedras...

Entre-se depois na Catedral. Admirem-se, os vitrais de Cristóbal Alemán, Arnao de Vergara, Meinardo e vários outros; na Capela-mor, o retábulo de Dancart (maravilha do gótico florido) e os dos seus continuadores; no Côro, os magníficos órgãos, ricamente ornamentados, e a linda grade quinhentista, obra de Frei Francisco de Salamanca; na Capela de S. Pedro, os quadros de Zurbarán; na Capela Real, o túmulo de Afonso, "o Sábio„, e o de Maria Padilha, a favorita de Pedro, "o Cruel„; na Sala Capitular, os baixo-relêvos dos artistas sevilhanos Diego de Velasco, Vázquez e Marcos de Cabrera; na Sacristia-mor, o tenebrário, em bronze, de Morel e todo o seu tesoiro fulgente de objectos de culto e alfaias religiosas; na Sacristia dos Cálices, as pinturas de Goya, Morales, Valdés Leal, Vargas, e o *Cristo na Cruz* de Montañez, um milagre de escultura; no Baptistério — para finalizar —, a célebre tela de Murillo, *Santo António*, (1) o popular e querido santo português.

---

(1) Louis Ulbach refere-se deste modo ao belíssimo quadro: — «*Quelle oeuvre! Jamais la volupté de l'extase n'a été traduite aussi simplement, aussi délicatement,*

A Catedral de Sevilha! Um monumento grandíloquo! Por certo que existem catedrais mais sumptuosas, como a de Colónia, Estrasburgo e Milão, que são verdadeiras visões de sonho: águias brancas em voos a prumo; harpas divinas, em cânticos eternos... A de Sevilha, porém, se não é uma dessas maravilhas, tem particularidades únicas, como notou Émile Begin, olhando, encantado, ao som dos orgãos melodiosos, para as suas naves de estupenda altura e para o seu altar-mor colossal, que em parte alguma do mundo jamais tinha visto (1).

Outra jóia de Sevilha, e, por certo, das mais fulgurantes — é o seu famoso Alcácer, antigo paço dos califas. É vê-lo em todo o seu rútilo cenário — um cenário de oiro e pedrarias! —, à hora em que o sol, o belo sol andaluz, é mais voluptuoso e quente...

O Alcácer é um palácio de sonho, forrado de lendas... Que onda de beleza, a erguer-se, arrebata-

---

aussi réellement. Saint Antoine, agenouillé dans sa cellule, tend les bras, le coeur, au bambino qui descend, en courant, du ciel, impatient de se fondre dans cette conscience béante et brûlante. C'est du naturalisme dans l'idéal». (*Espagne et Portugal*, pág. 23.)

(1) *Voyages pittoresques en Espagne et en Portugal*, pág. 451.

dora, pelos pátios das Donzelas e das Bonecas e pela sala dos Embaixadores! E que perfume embriagante (casaram-se cravos e rosas para o criar...) a evolar-se dos seus jardins evocadores, povoados de visões românticas!

Sevilha! Quem a quiser ver, embrenhe-se por essas velhas ruas, as doces avòzinhas das ruas novas... Entre em certas moradas e admire os seus formosos pátios, plenos de colunas e arcadas, taças de faiança, azulejos, grades rendilhadas, onde o ferro — que presunçoso! — forjou habilidades... Visite, na "Calle Francos", a casa onde se diz ter vivido o célebre "Barbeiro de Sevilha" e fixe, atento, o número da sua porta que nos canta ao ouvido como na partitura de Rossiui, letra de Beaumarchais:

Numero quindici,
A mano manca...

Visite ainda, na "Calle Levies", a casa que foi de D. Miguel Mañaro de Leca, reputado, segundo a tradição, como o verdadeiro D. João Tenório. Pense nessa extraordinária figura de romance revelada por Tirso de Molina e exaltada pelos génios de todos os tempos: Zorilla e Molière, Mozart e Musset, Byron,

Campoamor, Junqueiro... E olhe, olhe bem, para essa casa... Talvez descubra o vulto fatal de D. João num trono erguido sôbre corpos de mulher...

Siga, depois, pela rua de S. Fernando e pare em frente à Fábrica dos Tabacos, onde esvoaça a sombra da "Carmen" de Bizet, a mais provocante e diabólica cigarreira que houve em Sevilha...

Entre no Parque de Maria Luísa; contemple os seus monumentos e deixe o seu cartão ao poeta Becquer. Percorra e admire a "Calle de las Sierpes", fremente de colorido e pitoresco. Sente-se, à fresca das árvores, no Passeio das Delícias e assista de lá ao desfile das equipagens que rodam ao trote levantado dos *Guerreros* e *Zapatas*, ou dos *Surgas*, o "ferro" do meu "Dourado", o mais garboso cavalo de sela que tenho tido. Retome o passeio. Lance um beijo para a tôrre de "La Giralda" e um sorriso para a de "El Oro" — ambas còradinhas, muito còradinhas de sol... Atravesse a Ponte de Isabel II e entre no bairro cigano de Triana onde se conquistam mulheres com guitarras e navalhas...

E finda esta romagem, despeça-se da poética cidade e diga, como eu, adeus a Sevilha, a esta bela e irresistível Sevilha, cheia de sol e de pandeiretas!

REGRESSO A PORTUGAL

REGRESSO A PORTUGAL

Mais um olhar! E a romântica Sevilha lá se vai diluindo, ao fundo, em brumas de oiro pálido, com a tôrre de "La Giralda"—o seu *ex-libris*!—erguida em pensamentos altos...

A manhã—que manhã divina—tem o sabor duma geórgica. Com os seus grandes olhos azuis, o céu espreita por entre as nuvens, a ver o que se passa cá por baixo... Bom é que não sonde de mais! Há pela terra muita miséria, muita lágrima oculta...

O "autóbus„—um *Bussing* potente—, roda veloz, buzinando. Quere a estrada livre. Tal como o homem na sua caminhada pela vida: não gosta que ninguém lhe impeça o passo...

A paisagem não apresenta variantes. É como um

livro já conhecido, com o mesmo texto e as mesmas ilustrações. De novo, simplesmente isto: um laranjal viçoso que, ao passarmos por ele, — registe-se a amabilidade! — nos borrifa de perfume...

Já se passou Castilleja de la Cuesta, o *Osset* dos iberos e a dos romanos, como informa Baedeker em seu guia *Spain and Portugal;* Sanlúcar La Mayor, com os seus férteis olivais, extensos vinhedos...

A famosa Andaluzia — a região que mais me encantou por esta Espanha de sonho — começa a despedir-se de nós. E eu, na mágoa desta hora, sinto a viva saudade de a deixar!

A Andaluzia! Evoco-a nas suas canções e nas suas danças: *guagiras* e *peteneras*, *juergas* e *zambras gitanas*...

Evoco-a em toda a sua beleza e colorido, tal como a vi, na realidade, ou como a sonhei: nas festas da semana santa; nas corridas da Páscoa; nas verbenas de S. João, com fogueiras e balões; na romaria "del Rocio", onde, sob pálios de *mantóns* vistosos, assentes em varas altas, cavalgam noivos felizes...

Evoco-a nos seus tipos populares: o toureiro que joga a vida, de praça em praça; o cigano que mercadeja e intruja, acampado onde pode; o contrabandista que, de lenço escarlate atado à nuca, manta

sôbre o ombro, vagueia pelas serras, afagando o arcabuz...

A Andaluzia despede-se. E eu, ao olhá-la pela última vez, só tenho beijos para lhe dar e esta frase para lhe dizer: — adeus, Andaluzia!

Pára-se, por momentos, em Villalba del Alcor, um bonito *pueblo* com a sua igreja em pedra morena, a sua praça com um chafariz ao centro e os seus banquinhos de azulejo ao redor...

Retoma-se a marcha. Só agora reparo para os companheiros de viagem, meus compatriotas: médicos do Porto, algumas senhoras, e dois rapazolas de vinte e poucos anos, tipos rústicos, os quais, todo o caminho vêm cantando. Regressam a Portugal, possìvelmente, com alguns "duros„ nos bolsos, visionando, já de longe, a sua aldeia entre campos e pinhais, onde os esperam beijos de namorada ou abraços de mãe. E pela toada do seu canto, devem ser do Minho, pois só no Minho se canta assim: com amor e alegria...

Surge La Palma del Condado, com a alcatifa alaranjada das suas vinhas; Niebla, com as suas tôrres moiriscas, a sua ponte de tijolo vermelho e o seu rio, o "Tinto„.

A estrada apresenta agora uma recta dalguns quilómetros. Dá gôsto vê-la, toda queimadinha do sol, cheirando a fôlhas de eucalipto...

O "Tinto„ aparece-nos de novo. Mas não foi para nos tornar a ver, o que seria gentil; foi tão sòmente para se encontrar com o "Odiel„ e formar com ele — que pensamento feliz! — quase uma ilha, uma ilha quimérica, onde julgo ouvir o canto das nereidas e o búzio dos tritões...

O *Bussing* entra em Huelva — cidade linda, embandeirada de palmeiras —, e ali se detém. Eis um simpático hotel: o "Internacional„, onde me servem (que belo almôço!) óptimos mariscos e um *Manzanilla* excelente que eu recomendo aos bons *gourmets*.

O *Bussing* faz ouvir a sirene. Acorro com os demais passageiros, e a jornada segue. Á beira-rio, choupanas de pescadores. Mais para cá, casas de lavoura com os carros empinados no terreiro e galinhas esgravatando a terra...

Atravessa-se Gibraleón, com as suas ruelas estreitas, de modinhos acanhados... Passa-se a ponte férrea sobre o "Odiel„. Marginando a estrada, pinheiros mansos, cactos exóticos, figueiras bravas, numa estranha procissão de verdura... De súbito

— que bela mancha! — Ilha Cristina, com os seus moinhos brancos e os seus barcos parados... A paisagem é assaltada, de brusco, pelos pinhais. Mas ela reage e consegue impor de novo a sua graça eterna. Há mais vida agora, mais luz, mais poesia! Até o mar, num largo sorriso, aparece ao fundo, verde, infinitamente verde...

Pelas três da tarde entro em Ayamonte. Olho, de relance, a cidade, que tem frescura e sol. E, sem delonga, embarco no *La Rábida*, que, ligeiro, rasgando as claras águas do "Guadiana„, me conduz a Vila Real de Santo António, às terras sagradas de Portugal!

Laus Deo

ÍNDICE

	Pág.
Preâmbulo	7
Recordações de Vigo	13
Salamanca	21
Uma semana em Madrid	35
Duas tardes no Museu do Prado	47
De Madrid ao Escurial	65
Um domingo em Toledo	73
De Madrid a Barcelona	81
Barcelona e a sua Exposição	87
De Barcelona a Sevilha	97
Os encantos de Sevilha	107
Regresso a Portugal	117

ERRATAS PRINCIPAIS

Pág.	*Linha*	*Onde se lê*	*Leia-se*
30	13	fraticida	fratricida
31	4	saudava-os	saudava-as
54	8	Cristro	Cristo
»	14	Batista	Baptista
58	2	dansas	danças
59	5	Joanes	Juanes
»	28	Foi pintor, ao que se diz, de Filipe II de Espanha que lhe chamava o «Ticiano português»	Foi pintor de Filipe II de Espanha, que lhe chamava, ao que se diz, o «Ticiano português»

biblioteca
municipal
barcelos
6380
Impressões de Espanha